

# BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora : — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

**A responsabilidade dos escriptos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.**

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam elas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as formas, o amor da archeologia e da arte.»

## CAMPANARIOS EM PORTUGAL

(Continuado do n.º 10, pag. 427)

GOES

O sino das horas tem em cima uma faixa ornamentada e cinta liza com o letreiro

FEITO △ A △ CONTENTAMENTO △ DOS △ OFICIAIS △  
DA △ CAMARA △ NOBREZA △ EPOVO △

no centro para o lado de fóra da torre está uma Cruz ornamentada com raios, em baixo tem cinta com ornamentos e o nome do fundidôr

JOZE D

ARGOS

ME FES

ANNO D

E 1816

O pequeno sino dos quartos é anepigrafo.

## SANTA COMBA DÃO

## Egreja da Nossa Senhora da Assumpção

A igreja de Santa Comba Dão é matriz da freguezia dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, e já existia no seculo XVI com a invocação de Santa Maria do Burgo, conforme se verifica pela memoria da sua sagração existente em lapida na capela mór do lado da Epistola, memoria inédita, e nas *Noticias das igrejas do bispado de Coimbra* ou *Hist. eccles. de Coimbra*, Mss. da Bib. Nac. de Lisboa, A-4-14 n.º 148, Tom. II, fls. 94, declara-se que «na capela mór está um letreiro na parede da parte da Epistola de letra gothica, que não se deixa bem ler».

Aqui fica publicada pela primeira vez a leitura da sagração, não se podendo completar a terminação da era pela falha na pedra entre CCC . . . . . DE FEVEREYRO, e pena é, porque assim não se pode determinar positivamente, qual seria o bispo de Coimbra D. Raimundo, que sagrou a igreja de Santa Comba, visto que na era de mccc, seculo XIV, houve tres bispos do mesmo nome: D. Raimundo I desde o ano de 1272 a 1274, D. Raimundo II, que governou a diocese de 1319 a 1324, e D. Raimundo III desde o ano de 1324 a 1330 ou 1331, mas este bispo era francês, e pouco tempo permaneceu na sua diocese; portanto deve se entender ter sido feita a sagração pelo bispo D. Raimundo II (1).

A inscripção é em caracteres gothicos maiusculos e do teor seguinte:

E : M : CCC . . . . . Defevereyro : sa  
 grou : dō Rymundo : bpo : decoinbra : aei  
 gia : de sc̄a : m<sup>a</sup> : doburgo : emoueu : oaltar  
 nologo : e q̄ : ora : esta : edeuē cadahun : an<sup>o</sup> :  
 nodia : desusod : fo : aq<sup>u</sup>tos : veere : adtā : eigi :  
 como : devē : x̄ : dias : de p̄dō : p̄ q̄ : achou : no

(1) *Catalogo chronologico — critico dos bispos de Coimbra* composto pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira. Col. dos Docum. e Mem. da Acad. R. da Hist. Tom. 4.º pagg. 103 a 107.

d̄to : altar : religas : de sc̄a : m<sup>a</sup> : e de san pedro :  
 e de sc̄a : recilhia : deu pesos : dias : da : d̄ta :  
 madre : de ds̄ : epelos : dias : dod̄to : apostol : e  
 dad̄ta : sc̄a : recilia : x̄l : dias : dep̄do : epeshas :  
 outavas : das : d̄tas : festas : resta : sagraçõ  
 mandou : fazer : marti : durãex : p salma :

A igreja tem duas torres na sua fachada, sendo uma da parte do Sul denominada a torre antiga, e a outra do lado do Norte.

Na torre antiga está um sino.

1.<sup>o</sup>—Em cima tem cinta liza e nella em uma linha a legenda

IN \* LAVDEM \* DEI \* ET \* S \* BERNARDI \* DICATVM \*  
 SVÆ \* ECCLESIE \* S \* PAVLI

no centro para o lado exterior da torre está uma Cruz com  
 peanha, tendo a Cruz os quatro cravos, que terminam em forma  
 de punhaes, e se cravam em quatro corações dispostos dois nos  
 braços e dois em baixo na haste, um de cada lado inclinados

FVSVM ANNO DÑI \* 1696

em baixo tem uma faixa liza e em uma linha o letreiro seguinte :

SVB \* D \* ABB \* RECTORE \* COLLEGII \* DIVI \* BERNARDI \*  
 D<sup>RE</sup> \* FR \* IACINTO \* A \* S \* PAYO \*

Semelhantemente Mr. Jos. Berthelé <sup>(1)</sup> descreve um sino do  
 seculo XVI (1542) existente na igreja de Pougnes na comuna de  
 Pougnes-Herisson, departamento de Deux-Sèvres (França), no  
 centro do qual se admira uma elegante Cruz em relêvo, tendo

<sup>(1)</sup> *Recherches pour servir à l'histoire des arts en Poitou. Cloches poite-  
 vines*, pagg. 271 e 272. cit.

sobre cada braço um coração traspassado por duas espadas em aspa.

O sino é dedicado a Sant'Iago, conforme a sua legenda em belos caracteres gothicos, contendo erros, tal qual se verificam nos nossos sinos:

SANCTE JACOBE : ORA : PRONOBIS JE : FEU :

FAJET : LAM : DE GRAC : MILE V XLII

correcta a legenda por Mr. Berthelé

SANCTE JACOBE : ORA : PRONOBIS JE : FEU :

FAJET : LAN : DE GRACE : MIL V XLII

Letras trocadas transpostas e invertidas, bem como palavras invertidas, igualmente se verificam em alguns sinos francêses de Poitou (1) e em sinos da Belgica (2), exactamente como se encontram nos sinos feitos pelos nossos artistas fundidôres, devido ao systema então usado da applicação na fôrma das letras e palavras para as legendas.

Mr. Fernand Donnet, digno Administrador da Academia Real das Belas Artes de Anvers, Membro correspondente Secretario da Comissão Real dos Monumentos da Belgica, na sua ilustrada obra em dois volumes, *Variétés Campanaires*, descreve com notavel proficiencia muitos sinos existentes naquele país, as suas legendas, symbolos e emblemas, e os nomes dos fundidôres, relacionando não só os oriundos da Belgica e da Holanda, como tambem faz referencias aos sinos fundidos por artistas francêses, inglêses e alemães.

No *Bulletin de l'Académie Royale d'Archéologie de Belgique*, n.º 2 de 1912, pagg. 163 a 176, Mr. Fernand Donnet faz apreciação d'este meu trabalho sobre os *Campanarios em Por-*

(1) Mr. Jos. Berthelé — *Recherches...* pag. 258. cit.

(2) Mr. Fernand Donnet — *Variétés Campanaires* 2<sup>me</sup> Série. Anvers, 1909 pag. 346.

tugal sob o titulo *Quelques Cloches Portugaises* e nota que, as legendas dos nossos sinos são geralmente extraídas dos livros sagrados, dos textos religiosos e das formulas liturgicas, sendo mais correctas que as dos sinos da Belgica; ao passo que ali superabundam as legendas laudatorias em honra do cura ou parcho da egreja para a qual o sino foi fundido, o nome e a diocese do bispo, que presidiu ás cerimonias da benção do sino, os nomes do padrinho e da madrinha, e os dos magistrados comunaes ou membros da fabrica da egreja; de igual fórma se encontram tambem muitos sinos em França (1).

Na torre do lado do Norte da egreja de Santa Comba está o relógio, e tem dois sinos.

2.º — E' o sino das horas. Tem em cima uma cinta com ornamentos e outra liza com o letreiro

#### IN HOC SIGNO VINCES 1881

no centro para o lado de fóra da torre está uma Cruz ornamentada com peanha, e em baixo na cinta da borda tem o nome do fundidôr

#### JOSE AUGUSTO

3.º — E' o sino dos quartos. Em cima tem uma faixa liza com a legenda seguinte :

✠ LAVDETVR CHRISTVS IN ETERNVM QVIA PIVS EST

no centro para a parte exterior da torre está uma Cruz liza com peanha, para o lado interno a imagem da Virgem e o anno 1767, em baixo na cinta liza está

✠ AVE MARIA GRACIA PLENA DOMINVS TECVM

(1) Mr. Berthelé — *Recherches...* cit.

Mr. H. de la Bunodière — *Notice archéologique et historique sur l'église Saint-Ouen de Rouen.* Paris, 1895.

**S. JOANINHO**

Esta freguezia da provincia da Beira Alta faz parte do concelho de Santa Comba Dão do bispado de Coimbra, e o seu orago é S. João Baptista.

A igreja tem torre com dois sinos.

1.º — Em cima tem faixa liza com a legenda seguinte :

I. H. S. — MARIA IOSEPH. ET. S. JOANNES BAPTISTA.  
ORATE. PRONOBIS. 1767

no centro, entre filétes, de uma parte está uma Cruz ornamentada com peanha e uma vela de cada lado, da parte oposta ☒ ☒ e dentro de um quadrado ornamentado a figura de Santa Barbara, tendo na mão direita a palma e com a esquerda segurando um castelo e por baixo

**STA. BARBARA**

1767

na borda tem cinta liza.

2.º — Tem cinta liza em cima com o letreiro

IN. HOC. SIGNO. VINCES

no centro entre cintas com ornamentos está de um lado uma Cruz ornamentada com peanha, e em baixo na faixa liza tem o nome do fundidôr

ANTONIO SORRILHA. CANTANHEDE

1906

Este sino foi feito de outro antigo, que se refundiu.

## LUSO

A freguezia de Luso faz parte do concelho da Mealhada, e a igreja é dedicada a Nossa Senhora da Natividade, sendo de uma nave com quatro altares além do da capela mór, cujo retábulo certamente foi aproveitado de outra igreja mais alta, porque se conhece bem terem sido cortadas alguma peças de madeira para se adaptarem ao vão da capela.

Na sacristia sobre o lavatorio está uma lapida com inscripção, que teria pertencido anteriormente a algum altar da nave. E' curiosa, pois o seu auctor, não se esmerando na metrificacão e rima dos versos, não deixou de solicitar, por *quem mandou fazer esta capela e por quem a fez*, os sufragios, que na mesma lapida se pedem.

TU QUE ME MYRAS A MYN

QUAL ESTOU MORTAL EFET<sup>O</sup>

UELA BEM MYRA POR TI

QUAL TU TE UES IO ME UI

URTEAS COMO ME UIO

HU P N E AUE M.<sup>A</sup> POR QU<sup>M</sup> MANDOU FAZER

ESTA CAPELA E POR QUE<sup>M</sup> A FES ANO 1693

A frontaria da igreja está voltada ao Poente, e a torre é do lado do Sul com quatro sineiras e dois sinos.

1.<sup>o</sup>—E' o sino das horas do relógio, tem em cima uma faixa com a legenda

IN \* HOC \* SIGNO \* VINCES \* 1861

no centro para a parte exterior da torre está uma Cruz ornamentada com peanha, e para dentro a representação do milagre da Senhora da Nazareth, e em baixo na orla em uma linha os nomes dos fundidões

JOAQUIM DIAS DE CAMPOS ME FES  
E JOZE AMARO JVNIOR

E' digna de nota a fôrma archaica adotada pelos fundidôres nos seus nomes, tendo sido o sino por elles fundido em 1861.

2.º—Em cima tem cinta liza e o letreiro em caracteres romanos floreados

### IN HOC SIGNO VINCES

no centro só de um lado está uma Cruz ornamentada com raios e peanha, em baixo cinta liza sem letreiro.

## ALDEIA GALLEGA DO RIBA-TEJO

### Egreja do Espirito Santo

No *Boletim* da nossa Associação, 4.ª série, n.º 9 do Tomo XI, 1909, publiquei a *Descrição da igreja do Espirito Santo, parochial da villa de Aldeia Gallega do Riba-Tejo*, da ordem militar de Sant'Iago da Espada, e nessa descrição demonstrei, que a igreja actualmente existente é a reconstrução executada no principio do seculo XVII, tendo sido depois feitos alguns restauros no seculo XVIII e ultimamente outros em 1898.

Tem na sua fachada duas torres, na do lado do Norte estão quatro sinos.

1.º—Na parte superior tem uma cinta com ornamentos, no centro para fóra da torre está uma Cruz ornamentada, em baixo na borda tem uma cinta liza e o letreiro indicando o fundidôr

## GUERRA O FES NO ANNO DE 1818

Este fundidôr de sinos Guerra deve ser Antonio Alves Guerra, estabelecido na rua do Arsenal, como se verifica de um *aviso* por elle publicado na *Gazeta de Lisboa, Suplemento* ao n.º 40 de 7 de outubro de 1803, e talvez fosse filho ou parente proximo de Faustino Alves Guerra, que fundiu de 1770 a 1796 sinos para as egrejas da Conceição Velha, Encarnação, Carnide, Sé de Evora e Vila Viçosa.

Os outros tres sinos são de diversos tamanhos, tendo em cima cintas ornamentadas, nos centros para a parte exterior da torre uma pequena Cruz sem peanha com ornatos nas extremidades da haste e braços, em baixo na borda cintas lizas e o letreiro

CANDIDO ROIZ BELLAS LISBOA 1867

Na torre de lado do Sul está o relógio e um sino, que dá as horas, o qual tem em cima na corôa uma faixa ornamentada, no centro para fóra da torre uma Custodia de formato antigo, sem raios, em baixo na cinta liza está o nome do fundidôr

◇ FRANCISCO ◇ CARVALHO ◇ MEFESS ◇  
◇ NAERA ◇ DE ◇ 1680 ◇ ANNOS ◇

A proposito d'este fundidôr Francisco Carvalho vou explicar e dar referencias mais circumstanciadas dos fundidôres Rodrigues Palavra, dos quaes se tratou na descripção dos sinos da igreja dos Paulistas de Lisboa, e se publicaram as provisões regias pelas quaes foram nomeados fundidôres de sinos e mais obras das tres ordens militares, e tambem como aditamento ás notas biograficas mencionadas nas citadas e transcritas provisões.

João Rodrigues Palavra, fundidôr de sinos, era filho de Lucas Rodrigues Palavra tambem fundidôr de sinos, e de Serafina Teixeira, naturaes e moradores ao Arco do Oiro na freguezia de Nossa Senhora dos Martyres de Lisboa.

Sendo João Rodrigues Palavra familiar do santo officio e pretendendo em 1709 casar com Domingas Thereza natural e moradora na cidade de Lisboa, procederam no tribunal da inquisição ás «Informações de limpeza de sangue e geração da dita Domingas Thereza» (1) e nessa habilitação se encontra a certidão do batismo de João Rodrigues Palavra, extraída do respétivo «Livro dos baptizados da Igreja de Nossa Senhora dos Martyres a folhas 56» a qual é do seguinte teor:

«Em trinta e hum dias do mes de março de mil e seis centos

(1) *Habilitações do Santo Officio* no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

e oitenta baptizou o padre Antonio de Souza coadiutor nesta Igreja a João filho de Lucas Rodrigues Palavra e de Serafina Teixeira Palavra moradores sobre o muro, padrinho Luiz Gomes de Oliveira».

Por esta certidão ficamos sabendo com certeza que, o pae era Lucas Rodrigues Palavra e não Luiz como menciona a provisão de 5 de janeiro de 1723 publicada, e que foi padrinho Luiz Gomes de Oliveira fundidôr, do qual já se descreveram sinos existentes nas igrejas da Sé de Lisboa, Conceição Velha e S. Miguel de Alcainça, dos anos de 1721 a 1732, e breve descreverei do mesmo fundidôr os sinos de 1713 a 1737 das igrejas da Misericórdia e da Graça ou de Santo Agostinho de Torres Vedras.

Pelo mesmo processo das «Informações» se sabe que, Lucas Rodrigues Palavra era filho de outro João Rodrigues Palavra natural da freguezia de Santa Iria de Santarem, e que tambem prestou informações no referido processo, como testemunha, Francisco Carvalho fundidôr do sino examinado na torre do relógio da igreja de Aldeia Gallega do Riba-Tejo.

De Pedro Rodrigues Palavra já foram descritos dois sinos, um de 1723 na igreja de S. Pedro de Obidos, outro de 1737 na igreja do Menino Deus de Lisboa.

De Joaquim Rodrigues Palavra tambem foi descrito um sino de 1742 existente na igreja de Nossa Senhora do Populo das Caldas da Rainha.

A porta ou arco da Oura, do Ouro, ou da Oyra pertencia á freguezia dos Martyres até á epoca do terramoto de 1755 <sup>(1)</sup> e ficava «no extremo Oeste do presente Arsenal de Marinha e

(1) Fr. Apolinario da Conceição — *Demonstração historica da parochia de N. Senhora dos Martyres*, pag. 209.

C. Rodrigues de Oliveira — *Summario*, etc, 2.<sup>a</sup> ediç. Lisboa, 1755. pag. 20, onde diz, que a «Porta doura per fora» pertencia á freguezia dos Martyres, e a pag. 15, a inclue tambem na freguezia de S. Giam.

J. Baptista de Castro no *Mapa de Portugal*, 2.<sup>a</sup> ediç. Lisboa, 1763, Tom. III, pag. 307 na freguezia de S. Julião relata que «com as obras reaes (certamente no paço da Ribeira) desde o ano de 1714 se havia suprimido muita parte d'esta freguezia, extinguindo-se-lhe as ruas do arco do Ouro, Tanoaria, etc., e outras; porém o fatal incendio de 1755 a fez reduzir á ultima decadencia, vendo-se destituida de templo, de casas, de ruas e de freguezes».

abrangendo o largo do Corpo Santo e visinhanças» conforme descreve o nosso illustre consocio Sr. Visconde de Castilho na sua elucidativa Descrição Historica *A Ribeira de Lisboa*, de pagg. 494 a 502.

A situação da igreja parochial dos Martyres anterior ao terramoto do primeiro de novembro de 1755 não era, a que actualmente tem, determinada pelo plano da reedificação da cidade depois d'aquella catastrophe, e poder-se-ha considerar aproximadamente a sua colocação antiga pelas cercanias do alto da actual calçada de S. Francisco.

## BARREIRO

### Egreja de Santa Cruz

A igreja matriz, dedicada a Santa Cruz, era da Ordem militar de Sant'Igo da Espada, e conserva ainda sobre a porta principal da frontaria o escudo da Ordem, pertencendo á comarca judicial da Ordem em Setubal juntamente com as villas de Palmella, Cezimbra, Coina, Almada, Alhos Vedros, Aldeia Gallega e Alcochete (1).

A primitiva construcção da igreja devia ser antiga, talvez do seculo XV ou XVI, nos seculos XVII e XVIII por certo teve reconstrucções, e destas épocas serão as obras de talha dos altares, o arco cruzeiro da capela mór e a porta principal da entrada.

Em 1877 se procedeu a obras de restauração, pelas quaes ficou a igreja em muito bom estado.

Tem altar mór e quatro na nave.

Em 1886 publicou o Sr. José Augusto Pimenta uma bem desenvolvida *Memoria historica e descriptiva da villa do Barreiro*.

A torre é do lado do Sul na fachada, e tem tres sinos, os quaes não têm legendas, e como ornamento em cada um sómente uma Cruz em relêvo.

(1) *Regra, estatutos, diffiniçoens e reformaçam da ordem e cavallaria de Santiago da Espada* publicada em Lisboa, 1694, pag. 139. Diffiniçam XXXIX.

## Egreja de Nossa Senhora do Rosario

A actual igreja de Nossa Senhora do Rosario no Barreiro foi começada a reedificar em abril de 1791 por determinação da irmandade dos escravos, que havia adquirido, por escritura de 26 de agosto de 1736, a posse da ermida de S. Pedro ali existente, por concessão dos confrades pescadôres, os quaes exerciam culto ao seu santo patrono na mesma ermida, a qual em tempos anteriores tinha sido dedicada a S. Roque.

A referida irmandade dos escravos na junta de definição de 2 de abril de 1791 mandou, que se celebrasse a festividade da Senhora do Rosario no dia 15 de agosto de cada ano, e no dia 16 a festa a S. Roque, como primeiro santo titular, que tinha sido da mesma ermida.

A torre foi concluida em 1857 e nella está um carrilhão de sete sinos e um relógio, o qual consta ter pertencido ao convento de frades arrabidos em Palhaes dedicado a Nossa Senhora dos Prazeres.

Dos sete sinos quatro estão nas sineiras e tres nos angulos internos da torre, todos têm em cima cintas ornamentadas e nos centros o monograma de *Ave Maria*



em baixo nas duas cintas lizas está a legenda

REAL IRMANDADE DOS ESCRAVOS DE N. SENHORA  
DO ROSARIO QUE SE VENERA NA SUA IGREJA NA  
VILLA DO BARREIRO

e indicados em todos os nomes dos fundidôres

MANOEL ANTONIO DA SILVA. FIHOS. & SANTARENO  
Lx.<sup>a</sup> ANNO DE 1857

## LISBOA

## Egreja do Salvador

O mosteiro do Salvador, que era de freiras da ordem de S. Domingos, foi fundado em 1391 pelo arcebispo de Lisboa D. João Esteves de Azambuja, e concluído em 1478 pela princesa D. Leonor mulher do príncipe D. João, que depois foi rei.

O terremoto do primeiro de novembro de 1755 arruinou muito o convento e a igreja, pelo que a freguezia se transferiu então provisoriamente para a igreja do Menino Deus, onde esteve dois meses, passando depois para a chamada casa da grade no proprio mosteiro.

Os parochos da freguezia do Salvador tinham o titulo de vigarios, eram apresentados pelos condes dos Arcos, como descendentes de João Esteves, alcaide mór de Lisboa, cognominado o Privado.

D. João Esteves de Azambuja, ou D. João Afonso de Azambuja, era filho de Afonso Esteves irmão de João Esteves o Privado, e estes dois irmãos foram da intimidade do paço do rei D. Fernando I.

D. João Esteves de Azambuja, sendo mancebo entusiasta da guerra, considerando as ocorrencias da Patria entre os partidarios de D. Leonor Teles rainha viuva de D. Fernando I e os do Mestre de Aviz, deliberou tomar as armas para defender a causa de D. João I, defendendo-a tanto com a espada, como com o conselho.

Deixando o estrondo da guerra, ordenou-se sacerdote, e foi conego das sés de Coimbra e Evora, prior das egrejas de Monsão no Minho e da Alcaçova em Santarem.

De ordem do mesmo rei D. João I foi a Roma solicitar do papa Bonifacio IX a dispensa para o dito rei poder casar por ser professo na ordem de Aviz. Era do seu conselho, e foi por duas vezes a Castela tratar das negociações da paz, que se concluiu em 1402. Foi bispo do Porto, de Coimbra e segundo arcebispo de Lisboa, passou á Italia, e assistiu ao concilio de Piza em 1409, visitou em Bolonha a sepultura de S. Domingos e em Jerusalem os Logares santos.

Em 1411 foi pelo papa João XXIII nomeado cardeal com o titulo de S. Pedro ad Vincula e de Santa Eudoxia, indo a Roma para receber o barrete cardinalicio, ali iniciou a edificação do convento de religiosos da ordem de S. Jeronimo. Acompanhou o mesmo papa á cidade de Constança na Alemanha, onde se celebrou concilio, e retirando-se a Portugal, faleceu na cidade de Bruges em Flandres, donde foi trasladado o seu corpo ao mosteiro do Salvador de Lisboa por elle fundado, sendo sepultado na capela mór á parte do Evangelho, e no ano de 1608 foram os seus ossos para o côro de cima sobre as grades.

Da data do seu falecimento divergem os autores (1), que trataram da sua vida; uns o dão em 23 de janeiro de 1413, outros a 22 de janeiro de 1415, e outros finalmente em 23 de janeiro de 1415, e parece ser esta ultima a verdadeira, ainda que a inscripção gravada na lapida de 1608 colocada na parede do corpo da igreja fronteira ao altar mór entre as grades dos côros de baixo e de cima declare ter falecido em 23 de janeiro de 1413.

Esta inscripção, da qual só faz menção o *Livro da Fundação do mosteiro*, se publica novamente para memoria, visto que a igreja, estando profanada, será aplicada a fins civis, e a lapida desaparecerá talvez nos entulhos das demolições.

Eis a inscripção :

(1) *Livro da fundação do mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa* pela madre soror Maria do Baptista. Cap. VI, fols. 14 a 20.

*Catalogo dos bispos do Porto* por D. Rodrigo da Cunha. pagg. 143 a 148.

*Agiologio Lusitano* por Jorge Cardoso. Tom. I, pagg. 226 e 234: e ahi publica o epitafio da sepultura do arcebispo na capela mór do Salvador.

*Catalogo chronologico-critico dos bispos de Coimbra* na Col. dos Docum. e Mem. da Aca. R. da Hist. Tom. 4.º, pag. 126.

*Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania* por I. Barbosa Machado. Tom. I, pag. 290.

*Noticias de Portugal* por M. Severim de Faria, acresc. por D. José Barbosa. Tom. II, pag. 226.

*Anno historico* por F. de Santa Maria. Tom. I, pag. 107.

*Mappa de Portugal* por J. B. de Castro. Tom. 3.º, pagg. 124 e 416.

*Lisboa antiga*, pelo Sr. Visconde de Castilho, 2.ª parte Bairros Orientaes. Tom. VI, pag. 171.

*Portugal antigo e moderno*, Vol. 4.º, pag. 272.

NESTE. CHORO DE SIMA. ESTA SEPVLTADO DOM IOAÕ  
ESTEVES PRIVADO, SEG.<sup>DO</sup> ARCEBISPO DE LX.<sup>A</sup>

CARDEAL DA. S. IGREIA RÕA DO TT.<sup>O</sup> DE. S. PEDRO  
ADVINCULA DE. S. EVDOXIA FVNDADOR DESTE.

MOSTR.<sup>O</sup> EPADROEIRO DELLE, Q̄ EMBOLONHA SOLEM-  
NIZOV A SEPVLTVRA DE. S. D.<sup>OS</sup> EMRÕA O MOSTR.<sup>O</sup> DE. S.

HM.<sup>O</sup>, ENESTA CIDADE ESTE, EM Q̄ SE MANDOV SEPVLT-  
TAR. FALECEO. NOANNO. DE 1413. A. 23 DE. JANEIRO.

Na propria lapida houve correção, porque se conhece muito bem, que o dia 23 teve emenda, pois estava primeiramente 22, e o ultimo algarismo 2 foi substituido por 3, ficando evidente ter falecido o segundo arcebispo de Lisboa em 23 de janeiro, e que tambem usou do apelido, ou o cognominavam de Privado, como seu tio.

Na torre da igreja estão dois sinos.

1.<sup>o</sup> — Tem em cima na corõa faixas ornamentadas e cinta liza com o letreiro

#### LAUDATE EUM INSIMBALIS BENE SONANTIBUS

no centro para o lado exterior da torre está uma Custodia, em baixo junto á borda tem filetes e em uma cinta liza o nome do fundidôr

#### FAUSTINO ALUES GUERRA OFES EM LISBOA NO ANNO DE 1780

2.<sup>o</sup> — Em cima e em baixo tem faixas lisas formadas por filetes sem legendas, no centro para o lado de fóra está uma Cruz ornamentada com peanha, para dentro da torre uma pequena imagem, que se acha muito frusta, parecendo ser a Senhora da Soledade em relêvo entre os algarismos do ano de 1780.

### Egreja de Santa Joana

Foi o convento de Santa Joana fundado em 25 de novembro de 1699 em uma quinta de D. Alvaro de Castro no sitio de Santa Marta para religiosos dominicanos missionarios da India.

Pelo terramoto do primeiro de novembro de 1755 não soffreu o convento ruina, e como ali assistiam poucos religiosos, vieram abrigar-se na cerca do mosteiro de Santa Joana as freiras da mesma ordem de S. Domingos do convento da Anunciada, o qual se tinha arruinado, e com o auxilio do rei D. José I se ampliou o convento para residencia exclusivamente das freiras.

A igreja tinha torre, que foi demolida ha pouco tempo, nella estavam tres sinos, que se acham depositados no côro de cima.

1.º—Em cima na corôa tem uma cinta liza e outra com ornamentos; ao meio do sino circumda uma faixa ornamentada sobre um filete, tendo superiormente de um lado a imagem da Virgem e diametralmente oposta uma Cruz ornamentada com peanha e na mesma uma Custodia, em baixo na borda tem cinta liza e em uma linha a legenda

\* \* VERBVM \* CARO \* FACTVM \* EST \* \*

\* \* NAFVNDICAO \* DE OLIVEIRA \* ANNO \* DE 1733 \* \*

2.º e 3.º—Têem em cima e em baixo cintas lizas, e o segundo no centro só de um lado tem uma pequena Cruz com peanha, sem outros ornamentos ou symbolos. São dois sinos anepigrafos.

(Continúa.)

J. J. D'ASCENSÃO VALDEZ.

## Anotações artisticas e archeologicas

(Continuado de pag. 508)

### A venda e exportação de objectos artisticos

Todos os annos veem ao nosso paiz agentes estrangeiros encarregados de obter objectos artisticos antigos para assim satisfazer a insaciavel curiosidade dos colleccionadores e dos millionarios, muitos dos quaes amontoam thesouros d'arte pelo impulso da moda ou por simples capricho de vaidade.

E todas as vezes que cá apparecem não levam de certo as mãos vazias, antes vão contentes com a sua colheita. Vê-se que o negocio é rendoso; de outro modo as suas viagens não se repetiriam com tanta frequencia e com tanta regularidade. O que admira é como a gallinha dos ovos de ouro ainda tenha alguns para pôr e como se não haja exgotado a mina.

O terremoto de 1755, a invasão franceza, as calamitosas guerras civis, todos os desastres que, de envolta com os vandalismos dos homens, nos teem açoutado ha seculo e ineio a esta parte, nada d'isto conseguiu esvasiar o sacco. Evidentemente, o nosso peculio devia ser extraordinario e os seus restos ainda não são de todo despreziveis.

E' innumera a quantidade de exploradores que se teem espalhado pelos recantos da provincia, batendo a todas as portas e lançando mão de todos os meios para engodar os incautos. Deve-se todavia confessar que hoje em dia já poucos são aquelles que teem os olhos absolutamente fechados e que não é por dez

réis de mel coado que se faz aquisição de qualquer objecto de valor. As pechinchas vão rareando.

Para obstar a esta drenagem, que despoeva as casas particulares e que põe quasi a razo o paiz inteiro, privando-o de tudo aquillo que faz hoje a gloria das nações mais civilisadas, apresentou ultimamente o sr. Adães Bermudes, na Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, uma proposta para que se pedisse ao governo a adopção de providencias, que restringissem este commercio, quando o não tornassem prohibitivo.

A ideia não é nova e no ministerio do reino deve existir a consulta d'uma commissão ha annos nomeada, em que se indicava a adopção em Portugal da lei italiana. Como base indispensavel, alvidrava-se a formação d'um inventario geral, convenientemente redigido e documentado com photographias e desenhos, em que se inscrevessem todos os objectos artisticos dignos de nota, existentes tanto nas mãos dos particulares, como na posse das corporações.

E' com respeito a estas que convém e urge adoptar as mais energicas providencias. Ainda não ha muitos annos que a Misericordia do Porto se desfez d'uma esplendida collecção de pannos de armar, que ella aliás tratava como roupa de francezes. Na actualidade, a mesma corporação—honra lhe seja!—recada com todo o amor e carinho os objectos preciosos que ainda conserva, entre os quaes se deve contar o celebre quadro *Fons vitæ*.

Em principio, nós seriamos contrarios a qualquer lei prohibitiva, sobretudo com relação aos particulares, mas não podemos deixar de considerar que é uma necessidade, sendo caso de se dizer *dura lex sed lex*. O exemplo da Italia é frisantissimo. Pois se a Italia, considerada berço das artes por excellencia, museu riquissimo em todas as manifestações do bello, mãe generosa e uberima dos talentos mais fulgurantes, necessita de pôr um di que á saída dos objectos preciosos, que diremos nós, que não temos nem a mesma riqueza accumulada, nem a mesma exuberancia de producção?

E' certo que a Italia dos nossos dias não occupa o logar eminente, que lhe conferiu o pleno dominio no seculo xvi, no periodo aureo de Raphael, de Ticiano, de Miguel Angelo, de Benvenuto Cellini, de tantos outros emfim, estrellas de primeira gran-

deza, que hão de sempre illuminar com a sua luz gloriosa os páramos divinos da arte.

Mas não é só pelo lado esthetico que a Italia quasi prohibe em absoluto a saída de objectos preciosos, é tambem pelo lado economico. E' innumera a quantidade de estrangeiros que visitam aquelle formoso paiz para se deleitarem na contemplação dos esplendidos productos dos incomparaveis mestres. Dispersos elles por todo o mundo, a Italia deixaria de ser o grande centro, a grande escola, perderia o seu principal attractivo, como corôa imperial, d'onde se desengastassem as suas mais rutilantes joias.

Quando o sr. Bermudes apresentou a proposta a que acima alludimos, observou o sr. Rozendo Carneiro que a pauta de 92 já attendia de algum modo aos interesses da arte, lançando 30 por cento nos objectos exportados de origem nacional e 20 nos de origem estrangeira. O criterio que produziu esta differenciação parece-nos todavia menos acceptavel e até d'algum modo contra-productente. Exemplifiquemos.

Imagine-se que saía do paiz um quadro importante rubricado com um nome de auctor nosso. A perda era sem duvida sensivel, pernicioso até, mas em toda a parte a arte portugueza seria estimada, e aquelle quadro concorreria para a nossa gloria, porque um artista não tem patria, ou antes tem por patria todo o mundo.

Supponhamos agora que era levada para fóra a magnifica pintura que existe no paço das Necessidades e que é com toda a probabilidade attribuida a Holbein. A perda seria para nós irreparavel, porque mais nenhum estrangeiro sentiria o estimulo, por sua causa, de visitar Portugal, e porque a circumstancia de estar no nosso paiz seria apenas um accidente passageiro, de um valor meramente secundario. Nós perderiamos um admiravel modelo e lá fóra não se pensaria mais no seu antigo possuidor, ou, quando pensassem, d'isso não nos adviria a menor gloria.

Crêmos, portanto, ter demonstrado que é fallivel e contraproducente a differença que a pauta faz entre objectos de proveniencia estranha e de proveniencia nacional.

Apoiando, como providencia indispensavel, uma lei, senão prohibitiva, pelo menos restrictiva, entendemos todavia que isso não é bastante, e que concomitantemente, por meios directos e indi-

rectos, devemos estabelecer uma fervorosa propaganda, fazendo enraizar no espirito publico o gosto por tudo o que seja valiosa manifestação artistica.

Quando o povo souber avaliar uma obra d'arte, elle será o primeiro a estimal-a, a querel-a, a conserval-a com o mais piedoso culto filial.

Acima da lei está a intelligencia, o sentimento, a religião do bello emfim.

Façamos d'esta religião o maior numero de proselytos e seja a imprensa o seu mais zeloso e evangelico missionario!

6-12-1897.

### Os amadores da arte em Portugal

São raros os genuinos amadores de bellas-artes em Portugal, porque, como taes, não se pôdem considerar aquelles que dão exclusiva preferencia aos objectos antigos.

E' esta de certo uma das circumstancias que mais poderosamente contribuem para que o nosso movimento artistico seja tão restricto e mesquinho. E como não ha de ser assim, se os artistas não encontram quem adquira as suas obras, sendo esta a melhor maneira de os animar e proteger?

O gosto pelo *bibelot* e pela antiguidade predomina, podendo dividir-se em duas classes distinctas os colleccionadores respectivos.

Uns teem a monomania do antigo levada ao extremo, e basta que um objecto seja de epoca remota para que o adquiram, seja por que preço fôr. A casa d'estes maniacos é uma verdadeira loja de ferro-velho, onde os objectos se amontoam em pœirenta desordem, sem gosto e sem classificação.

Alguns d'elles teem a imaginação ardente e n'uma tela esfumada julgam possuir a mais extraordinaria preciosidade artistica: um Rubens, um Miguel Angelo, um Teniers, um Rembrandt, um Durer. Acontece com estas maravilhas da pintura o que succede com algumas das mais famosas reliquias. Ha de um santo, que

apresentam á veneração dos fieis, mais de uma duzia de cabeças authenticas, dando assim logar a inventar-se uma cabeça para cada um dos periodos da sua vida.

Por certo que as obras dos antigos mestres são de um valor extraordinario, absoluta e relativamente falando, não só pelo seu merecimento intrinseco, como pela sua raridade, e sobretudo porque são paginas preciosas para a historia da arte. Mas devemos lembrar que esses velhos mestres tambem foram moços, tendo alguns d'elles, como Raphael, como Ticiano e como Van Dick feito o encanto e o enlevo da sua geração. Se os seus contemporaneos, se os principes, os pontifices e os magnates da sua epoca os não houvessem considerado, elles não teriam tido o estimulo indispensavel para produzir as obras primas, deante das quaes ainda hoje nos curvamos.

N'um dos dramas de Echegaray apresenta se e caricaturisa-se o typo do colleccionador, que só aprecia as cousas pela sua longevidade. Levado a visitar um palacio, recentemente construido, aonde se accumulavam as mais brilhantes manifestações do genio moderno, não podendo negar o influxo d'essas maravilhas, tem esta criteriosa opinião:

— Sim, magnifico, mas falho de character. Só d'aqui a alguns seculos é que isto começa a ter verdadeiro valor.

Falamos da primeira classe de colleccionadores, que são, em relação á arte, o mesmo que certos alfarrabistas com relação aos livros, que só os apreciam quando são exemplares unicos ou de raridade extrema. A valia do texto, por mais sublime que seja, não tem para elles importancia. Tudo está em ser um Incunabulo, ou um Aldo ou um Elzevir. Do mais, poucò ou nada se lhes dá.

Falemos agora da segunda classe de colleccionadores, d'aquelles para quem as leis do gosto e da elegancia formam os principaes artigos do seu cathecismo e que classificam os objectos pelo seu cunho artistico. Alguns, ainda que raros, existem em Lisboa e no paiz, e entre elles cita-se um talentoso parlamentar, que soube converter a sua residencia não só n'um museu, mas n'um verdadeiro encanto, adornando-a com objectos raros, dispostos de maneira que exercem uma impressão tão agradavel como instructiva. As salas são ornamentadas a character, segundo uma dada epoca, de modo que não se notam frisantes anachronismos. Uma

sala á Luiz XV tem mobilia correspondente e nenhum objecto que a enfeita sae fóra d'aquelle estylo. Esta conformidade, que se tornaria porventura monotona, é todavia compensada pela variedade que se nota nas outras salas, cada qual representativa d'uma epoca especial. Assim comprehende-se o amor á arte do passado, que não exclue o amor pela arte contemporanea.

Antes de pôr termo a estas ligeiras observações, que não aspiram sequer a esboço de critica ou de noticia artistica, seja-nos permittido citar dois nomes, que merecem ser inscriptos com letras de ouro nos annaes da arte nacional. Esses dois benemeritos, que tanto a teem protegido, prodigalizando em seu favor os seus recursos pecuniarios, são os srs. drs. Ayres de Campos e Barahona.

Quem foi ha dias a Evora teve ensejo feliz de admirar a gentileza de character d'este cavalheiro, que na franqueza e bizarrria com que exerce os deveres da hospitalidade não encontra quem lhe leve a barra adiante. Por essa mesma occasião ficou egualmente surprehendido com as riquezas artisticas que encerra o seu palacio, convertido n'uma galeria, onde ostentam os seus productos os nossos principaes artistas.

O sr. Barahona descende por linha recta dos grandes senhores italianos do Renascimento. Não só as bellas artes como as artes industriaes teem recebido d'elle a mais carinhosa e decidida protecção. Um dia o seu palacio será visitado como um verdadeiro museu da arte portugueza no seculo XIX. Raras vezes o bom gosto e a generosidade se deram com tanta franqueza as mãos. E' certo que o sr. dr. Barahona tem opulencia de bens, mas outros ha, em egualdade de circumstancias, que estão longe de o imitar. Quem teria, por exemplo, a coragem de dispender dezenas de contos de réis na baixella acabada de executar nas officinas da casa Leitão, baixella que é a unica que rivalisa dignamente com a da casa real e que será um dia um dos monumentos da ourivesaria portugueza capaz de competir com as obras cinzeladas por Gil Vicente?

Não apresentamos estes nomes para lisonjear ninguem, mas simplesmente como estimulo, e se melindramos a modestia d'algum, que nos seja relevada a culpa, respeitando a intenção com que o fazemos.

Se temos a consciencia altiva de nunca dobrar a espinha em presença de ninguem, quer na curva humilhante do favor supplicado, quer na sinuosidade viperina do adulator interesseiro, nem por isso deixamos de render o nosso preito áquelles, que, pelos seus serviços eminentes, pelo seu character ou pelo seu talento, pelos beneficios que prestam, se tornam dignos do reconhecimento social.

13-5-1899.

### A casa portugueza

Nota-se uma certa tendencia — infelizmente ainda pouco generalisada — para dar á nossa habitação, sobretudo á habitação de recreio, um character nacional, de modo a poder dizer-se com legitima ufania — eis aqui a *casa portugueza!*

Com effeito a necessidade dos nossos architectos se orientarem n'esta direcção torna-se evidente, não tanto pelo espirito de nacionalidade, pelo desejo de apresentar uma criação caracteristica e original, como pela vantagem de adaptar e accomodar a nossa moradia ás exigencias do clima e até ás condições da paisagem.

Mas existirá porventura esse typo tradicional, como que immanente ao solo e ao clima, que se coadune com os habitos da nossa raça, com a nossa meteorologia, com as linhas dos nossos horisontes luminosos, com o estado da nossa civilisação emfim? E, existindo elle, convirá conserval-o, perpetual-o, crystalisal-o para assim dizer, modificando-o apenas n'aquillo que se torna absolutamente indispensavel em face da vida actual?

Eis aqui um problema, que precisa de ser exposto em toda a sua nitidez, que merece ser encarado e estudado sob todos os seus variados aspectos e para o qual ainda não appareceu solução rasoavel, quanto mais definitiva, e em cujo proseguinto se tem andado até agora ás apalpadelas.

A primeira difficuldade é saber se no genero monumental, ou no genero para assim dizer familiar, existiu alguma vez o modelo da casa verdadeiramente portugueza. O periodico a *Arte*, dirigido

artisticamente pelo sr. Casanova, e que infelizmente não passou de seis numeros, começou a publicar uma série de desenhos de habitações colhidos na provincia e que apresentam uns taes ou quaes signaes de originalidade, mas resta saber se ellas não correspondem a typos similares da sua epoca existentes em outros paizes, d'onde os importaremos, embora depois os modificassemos.

Diz-se que a architectura civil entre nós nunca tomou extraordinario desenvolvimento e os estrangeiros que nos visitaram no seculo xvi, na epoca do nosso maior esplendor e da mais bella florescencia artistica, notam que as habitações palacianas, sobretudo em Lisboa, e não excluindo sequer os paços reaes, nada apresentavam que pudesse seduzir o olhar do forasteiro. Em compensação, o interior está ricamente adornado e recheado de preciosidades orientaes.

Essa pobreza não é todavia tão absoluta nem tamanha como a querem fazer suppor. Os vestigios que o vandalismo dos homens mais que a fatalidade destruidora do tempo nos tem deixado de pé são bastantes a demonstrar uma actividade architectural bastante notavel. Os paços de Cintra, a Bacalhõa, a Sempre Noiva, a Casa de Subripas, em Coimbra, são documentos preciosos.

Ainda hoje em roda de Lisboa, em Marvilla, Sacavem, Olivaeas, Odivellas, Queluz, Cintra, existem excellentes habitações apalaçadas que contrastam, no seu ar de grandesa senhoril, com o embrincado acanhamento das construcções modernas. Quasi todas, porém, são mais ou menos copia das *villas* italianas ou dos *chateaux* francezes do tempo de Luiz xiv e Luiz xv. Em geral é D. João v quem dá o tom. O palacio dos marquezes de Fronteira, em Bemfica, na convisinhança poetica do convento dominicano e do palacio do Devisme, com as suas salas de azulejos historicos, com as suas galerias externas com enfeites de faiança no genero de Lucca de la Robbia, com os seus jardins á Le Nôtre, com os seus grandes tanques, que parecem obra romana, é sem duvida dos mais bellos specimens que possa ambicionar a nossa curiosidade.

Como todas estas habitações do seculo xvii e do seculo xviii, ás vezes pesadas, mas sumptuosas e imponentes, se destacam dos grupos de casinholas, denominadas *chalets*, que mosqueiam os ar-

redores de Lisboa e se estendem pretenciosamente pela margem direita do Tejo até Cascaes! Inquestionavelmente as construcções do Monte Estoril são mais elegantes e teem um ar de superioridade sobre as suas congeneres da vizinhança, mas ainda assim parece-nos que estão estampadas n'um scenario de lona e que não tardarão a desaparecer da nossa vista ao apito do machinista theatral. Em geral dir-se-hiam trabalho de cartonagem, um brinquedo infantil, affectando todas as fôrmas da extravagancia. Se ha algumas que são bonitas, estão muito longe de se considerarem bellas.

Buscando realisar o typo da *casa portugueza*, os architectos e os amadores não reproduzem um modelo determinado, antes copiam trechos de differentes partes, o que pôde produzir uma certa variedade, mas que fôrma antes uma *enselada* architectonica, ou, para nos servirmos d'uma phrase, da culinaria franceza, uma verdadeira *mayonnaise*.

Não ha duvida que muitos dos edificios antigos não apresentam completa homogeneidade, mas isso é devido a não terem sido formados d'um jacto, ou a terem sido reconstruidos successivamente, soffrendo assim a influencia do gosto das épocas que foram atravessando. Mas os que foram dirigidos por um unico artista ou realisados n'um dado tempo obedecem a um pensamento unico e harmonico.

Se desejassemos portanto reproduzir o estylo antigo, dariamos preferencia a um unico, e não fariamos manta de retalhos, enxertando a Sempre Noiva na Bacalhôa, pondo a galeria da Torre de Belem a par das janellas do Paço de Cintra.

Foi D. Fernando o primeiro ou o principal a dar entre nós o tom das reconstrucções hybridas. No palacio acastellado da Pena vereis trechos da casa dos Bicos, do Cunhal das Bolas, das capellas imperfeitas, da celebrada janella de Thomar, etc. O conjunto agrada aos olhos profanos, mas o verdadeiro apreciador nota, ao mesmo tempo com satisfação e com magua, que de toda aquella mole o que ainda conserva uma nota harmonica e de véras impressionante é a igrejinha do velho convento com o seu corucheu piramidal azulejado.

Não negamos o merecimento de algumas tentativas em favor da *casa portugueza*, que julgamos realmente felizes, podendo ci-

tar-se com justificada predilecção a do sr. conde de Arnoso, em Cascaes, e a do sr. Manuel Gomes, no Estoril; esta ultima sobretudo. No entanto, ellas não podem occultar a sua feição retrospectiva, a sua pretensão archeologica, o quer que seja que nos faz pensar nos modelos da *Rua das nações* na ultima exposição de Paris.

Sem querer desmerecer de modo nenhum estas aspirações de patriotismo artistico, tão dignas de applauso, ousaremos todavia afirmar que se fossemos architecto orientariamos d'outro modo o nosso pensamento, procurando ser inteiramente da nossa epoca, como os architectos antigos o foram da sua. O architecto da Renascença desprezava as maravilhas da Idade-Media, não tanto por falta de senso esthetico, como porque as condições da vida e a corrente das ideias eram inteiramente differentes.

O senhor feudal do seculo XIII não era o ostentoso fidalgo do seculo XVI. A invenção da artilharia modificára profundamente a construcção dos castellos. Hoje uma residencia principesca seria simplesmente ridicula se se rodeasse de fossos e de torres, se ainda fizesse rodar as correntes de ferro das pontes levadiças, se abrisse setteiras em vez de rasgar amplas janellas e se coroasse tudo de ameias.

Se fossemos architecto, repetimos, sem desprezar nenhuma condição de gosto e de elegancia, procurariamos realizar o typo da casa moderna em harmonia com todos os progressos da arte, da sciencia e da industria. A electricidade impõe-se e não podemos deixar de abrir os olhos aos seus jorros de luz. Já se vê que a arte é evolutiva, que não ha typo que surja de improviso e que tudo são metamorphoses lentas e accomodações mais ou menos felizes.

Na perfeita e absoluta comprehensão d'este principio que é elementar na grammatica das bellas-artes, não deixariamos, sobretudo na parte decorativa, de aproveitar com todo o discernimento o que nos legaram os estupendos artifices dos tempos passados, e assim poriamos largamente ao nosso dispôr as maravilhas da ceramica, da pintura em vidro, dos metaes forjados, dos couros estampados e gravados, dos guadamecins, etc.

Os amigos do ferro-velho e das antigualhas diriam talvez, como o antiquario do drama de Echegaray, — que pena que isto não conte uns poucos de seculos para ter character!

Lembremo-nos contudo que o tempo vem mais depressa do que se pensa e que os architectos da Renascença, por exemplo, não edificaram com a preocupação do passado ou do futuro, mas simplesmente para satisfazer as necessidades, as aspirações e as exigencias da sua epoca.

Sejamos, portanto, do nosso tempo e que os nossos netos admirem a nossa obra como nós admiramos a obra dos grandes mestres, cujos nomes resplandecem com tanto fulgor nas constellações da arte!

31-10-1899.

### **A habitação portugueza**

E' um assumpto que merece ser batido continuamente, porque é de vital interesse, e de uma opportunidade de todos dias e para assim dizer de todos os instantes.

Referimo-nos ás condições da habitabilidade portugueza, que se podem reduzir mui especialmente a duas—elegancia e bom gosto, hygiene e conforto.

Entre nós, olha se muito para a exterioridade apparatusa e por isso se deixa de attender com frequencia ás leis da esthetica e da commodidade. O que se quer é dar na vista. Succede com a casa o mesmo que succede com o vestuario. Debaixo de um fato de sêda, quanta miseria de roupa branca!

Seria muito para desejar que as casas fossem construidas debaixo de um plano architectonico que servisse de geral embellezamento a uma cidade ou povoação qualquer, mas achamos preferivel que se reservem todos os cuidados e attenções para o interior.

Uma casa bem disposta, bem ordenada, cheia de ar e de luz, assejada, limpa, é o reflexo da familia que a habita, dá-nos uma ideia perfeita da ordem, da economia, da sciencia da vida emfim. Quem não sabe viver na intimidade do lar não se poderá considerar feliz nem saberá tampouco apresentar-se na sociedade.

O nosso clima, tão similhante ao da Grecia, leva-nos a viver, como os antigos gregos, fóra de casa, ao ar livre, mas as condi-

ções climatericas não dispensam, tanto no verão como no inverno, que tenhamos o mais carinhoso affecto ao nosso lar. O aconchego do *sweet home*, como o concebem e praticam os inglezes, não ha nada que o pague. Nas noites regeladas de dezembro, em parte nenhuma se está tão bem, se sente um gozo mais infavel como no pequeno salão de uma familia modesta, onde se trabalha e se conversa ao mesmo tempo—a mãe sentada á mesa de costura, a filha ao piano, o pae saboreando alguma leitura. Esta tranquillidade amorosa, esta affabilidade encantadora, vale bem por um camarote em S. Carlos.

A arte de construir está ainda muito atrazada entre nós, qualquer que seja o ponto de vista sob que a encaremos, mas sobretudo no tocante a representação material do bem estar intimo. As nossas academias de bellas-artes ensinam a construir edificios monumentaes. Nas escolas industriaes ensina-se a decoração, mas em nenhuma d'ellas existe um curso apropriado, que exercite os nossos mestres de obras, que hão de fatalmente ser rotineiros, falhos de gosto, ou de gosto avariado. Como não possuem os conhecimentos indispensaveis dos materiaes, d'ahi resulta que os não aproveitam convenientemente, com precisão e economia, pelo que qualquer construcção sahe sempre por elevado preço. Como não adquiriram noções elementares de algumas sciencias, que tem mais intima correlação com a architectura, por este motivo tambem não attendem, como devem, aos preceitos da hygiene.

O que se observa em Lisboa, nota-se com a mesma frequencia em todas as terras onde é costume ir veraneiar; á excepção das residencias proprias pertencentes a pessoas de alguns meios de fortuna, as demais quasi se podem considerar inhabitaveis, e só por necessidade se toleram.

Fica a gente espantada da ignorancia e da estupidez de quem as construiu, ou de quem as mandou construir, dominados pela estreiteza do cerebro ou pela sordidez da ganancia. Não vale a pena sahir de Lisboa, pensa muita gente, e pensa bem, embora as deploraveis condições da habitação suburbana sejam compensadas pelo bom ar e por uma vida mais exercitada.

Tem-se procurado estabelecer ou restaurar o typo da casa portugueza, mas a primeira difficuldade que surge, é saber se existe ou existiu esse typo, caracterisadamente nacional, e se convem

reeditado. Algumas tentativas, mais ou menos felizes, se teem feito neste genero, mas todas ellas apresentam um sabor de archaismo, que á primeira vista nos parece original e picante, mas que se não coaduna perfeitamente com os habitos, com as tendencias, com as creações da industria e com o movimento vertiginoso da sociedade moderna.

Em nosso modo de vêr, o architecto e o mestre d'obras devem amoldar-se ás exigencias do progresso, encarnar-se para assim dizer no espirito do seculo, aproveitar-se de todas as invenções que possam ter uma applicação satisfatoria e, coordenando todos estes elementos que parecem heterogeneos e repulsivos, crear uma obra harmoniosa, em que o bello e o util se dêem as mãos formando, indissolúvel, a mais bella e pura das allianças.

O architecto, que consiga este resultado, sem preoccupações de extravagancia, terá realizado enfim o ideal que tanto atormenta a arte moderna.

26-7-1901.

### **A Casa Portugueza**

Ultimou-se no Porto, na rua do Conde, a construcção de um edificio particular, destinado a satisfazer o tão ambicionado como patriótico ideal da «Casa Portugueza».

A tentativa não é nova, continua a série dos esforços empregados ha annos n'este sentido e de que se podem vêr alguns specimens curiosos nas propriedades dos srs. conde de Arnoso e O'Neill, em Cascaes; M. Gomes, no Estoril; visconde de Sacavem, nas Caldas da Rainha, etc.

Deve-se, porém, considerar que esta tendencia não é absolutamente dos nossos dias, contando já mais de meio seculo, pois foi o barão de Eschwege, inspirado certamente pelo rei D. Fernando, quem procurou reunir, como n'uma «enselada» de estylos, diversos trechos esparcos de architectura portugueza, como a «janella de Thomar», o «Cunhal das bolas», a Casa dos bicos», e ainda outros. O Castello da Pena lá está no alto da serra de Cintra, na grandeza do seu quadro panoramico, a exemplificar e

a demonstrar o valor d'essa arte de retalhos, que se impõe todavia pelo seu character scenographico. Não nos atrevemos a dizer se o barão de Eschwege foi tão feliz no seu pensamento architectonico como Victor Hussla no seu pensamento musical ao compôr com habilidade suprema as «Rapsodias portuguezas».

A casa da rua do Conde, no Porto, foi construida sob o plano e direcção do sr. Ricardo Severo, bem conhecido no mundo litterario e scientifico pela sua magnifica revista ethnographica, *Portugalia*. E' um engenheiro distincto, reunindo ás suas qualidades technicas, um sentimento artistico e um saber archeologico. N'estas condições a obra não podia deixar de se tornar recommendavel e digna de todo o apreço, embora no seu conjuncto e nas suas particularidades se lhe possam notar defeitos, em que necessariamente havia de incorrer quem não tinha a sua imaginação inteiramente livre, mas procurava realisar um plano preconcebido.

O problema é com effeito difficilimo e até talvez insolavel. Existe porventura o typo accentuado da casa portugueza? Em que local e em que seculo se deve ir procurar?

As investigações até hoje proseguidas, se não teem sido infructiferas, não teem dado o mais satisfatorio resultado. Em primeiro logar seria absurdo suppôr que existisse um specimen unico, quando a variedade do clima e do viver social havia necessariamente de impôr divergencias. O operario, o commerciante, o modesto funcionario, o individuo de grandes posses não podem gosar os mesmos commodos e hão de accommodar-se ás exigencias da sua posição, sujeitando-se fatalmente aos seus recursos.

O clima do Minho, o accidentado do seu terreno, o ridente da sua paizagem, as suas culturas, nada d'isto se pôde comparar com o que se vê nas provincias da Extremadura e do Alemtejo. A vida do norte está para assim dizer symbolisada no milho, ao passo que a do sul está symbolisada no trigo. No Porto quasi toda a gente vive isolada no seu predio, ao passo que em Lisboa succede o contrario. Já se vê quanto esta circumstancia influe na disposição economica do domicilio, tanto na parte interna como na parte externa.

O typo mais caracteristico da casa portugueza só se ha-de encontrar por conseguinte nas propriedades principescas, nas re-

sidencias dos fidalgos endinheirados. Apesar do nosso paiz não possuir a riqueza de «castellos-villas» e vivendas senhoreaes, de que são opulentas a França, a Inglaterra, a Italia e a Allemanha, é certo comtudo que ainda possuímos alguns exemplares preciosos, que os proprios estrangeiros não deixam de elogiar. Citaremos dois principalmente: um, reedificado no seculo xvi pelo filho de Affonso de Albuquerque, o palacio da Bacalhôa, em Azeitão; o outro, edificado no seculo xvii e conservado na sua quasi inteireza primitiva, o dos marquezes da Fronteira, em Bemfica. Ambos, porém, attestam a sua procedencia italiana, e tanto n'um como n'outro a ornamentação ceramica exerceu um papel de primeira ordem.

É justa e digna de todo o applauso a ideia de se nacionalisar a nossa architectura, imprimindo um certo character á casa portugueza, mas não nos parece que se consiga esse fim procurando exclusivamente no passado os seus elementos, amalgamando-os de um modo, que nem obedecem aos verdadeiros principios da arte, nem ás necessidades da vida contemporanea. Ha umas certas preoccupações de pittoresco e do archaico, que são verdadeiras infantilidades, e mal se comprehende que se queira converter em ornato moderno o que foi mera expressão de um costume antigo ou do estado imperfeito de uma industria em dada epoca. Assim o emprego actual dos vidros pequeninos é um perfeito anachronismo, que não tem desculpa em presença dos progressos da industria vidreira.

Não diremos que o painel de azulejo com a sua imagem de santo, alumiado por uma lampada, não seja um motivo de encantadora ingenuidade, mas antigamente tinha a sua razão de ser, porque correspondia na verdade a um sentimento religioso dominante, ao passo que hoje tal sentimento, se não desapareceu de todo, transformou-se apenas em méra curiosidade.

Nós entendemos que a moderna casa portugueza, adequando-se quanto possivel ao clima e á indole nacional, deve ser comtudo a expressão mais genuina e completa da actualidade, conciliando harmonicamente com o movimento quasi vertiginoso da vida moderna os principios immutaveis da esthetica.

Algumas artes industriaes, tendo subido ao apogeu da sua grandeza, estacionaram, declinaram, postas de parte até algumas

d'ellas, o que é uma verdadeira lastima. Os pannos de Arraz, os couros de Cordova e de Moscovia, pintados, dourados ou gravados, os medalhões de faiança, as sedas de Lyão, as vidraças de imaginaria, as ferragens ricamente trabalhadas, tudo isto são objectos que podem ser admiravelmente aproveitados na ornamentação de uma casa luxuosa.

O luxo todavia não deve prevalecer, e as commodidades, de parceria com a elegancia, são as que merecem ser preferidas. A casa, que mais confortos offerecer, que melhor traduza as alegrias e as felicidades da vida intima, essa é que deve ser o typo por excellencia.

2-9-1904.

### **Protecção ás bellas artes — Galerias de retratos**

Sustenta o estado duas escolas de Bellas Artes e inscreve no seu orçamento uma verba para subsidio de pensionistas que vão aperfeiçoar-se no estrangeiro no estudo da pintura, da esculptura e da architectura. A isto e a muito pouco mais se limita a acção e o favor do poder governativo, que não acompanha depois com o seu auxilio os alumnos d'aquellas escolas, antes os desampara e contraria nas suas aspirações e legitimos interesses.

Para se mostrar o desamor ou pouco affecto votado pelos poderes do Estado aos individuos que seguem e completam aquelles cursos, bastará citar o que succedeu recentemente com respeito á Exposição Universal de Paris, d'onde os nossos artistas eram excluidos, não tendo representação official. Foi necessario que o Gremio Artistico reclamasse e protestasse energicamente contra tão vergonhoso esquecimento e a omissão então foi reparada, mostrando-se depois quanto era injusto e censuravel o procedimento primitivo das estações competentes.

Bem andou aquella corporação em reagir, defendendo não tanto os interesses materiaes como a honra e a dignidade da sua classe e sinceramente estimamos que os seus esforços fossem coroados dos mais prosperos e brilhantes resultados. A secção por-

tugueza de bellas artès em Paris, longe de nos envergonhar, tem sido das que tem causado mais agradável impressão, confirmando-se os credits que os nossos artistas haviam alcançado em Berlim.

Isto não deve contribuir unicamente para os desvanecer, enchendo-os de um orgulho, que tanto incommoda como prejudica. Nem sempre o premio obtido n'um concurso qualquer é prova indiscutível de absoluto merecimento artistico, mas nem por isso podemos nem devemos deixar de acatar estas classificações, sem lhes exaggerar nem diminuir desmedidamente o alcance. Os premios obtidos na Exposição de Paris ou em outra qualquer exposição estranha podem servir de recommendação aos nossos artistas, assignalando-os aos olhos dos colleccionadores. Mas não basta isto, é necessario que elles da sua parte envidem todos os esforços para que correspondam á confiança que n'elles se deposita.

A arte tem um character cosmopolita sem perder todavia as suas qualidades individuaes e nacionalistas. Fôra para estimar que os nossos artistas imprimissem ás suas obras uma nota particular, de modo a não confundir se com a arte franceza, que é o nosso modelo predilecto, e que se pudesse dizer que um quadro pertence á escola portugueza, não por ser pintado por um artista nascido em Portugal, mas por apresentar qualquer cousa de original e de inconfundível. Assim como a pintura franceza se distingue pela correcção do desenho, pela graciosidade das fôrmas ou pela formosura da concepção, assim como a pintura hespanhola se impõe pelo vigor da expressão e do colorido ou pelo pittoresco da paizagem e dos costumes, assim fôra para estimar que os nossos pintores mostrassem por qualquer fôrma um vivo sentimento de raça.

Entre os pintores mais laureados da Exposição de Paris, destacam-se retratistas eminentes como Columbano, Salgado, Malhõa e Carlos Reis. Não obstante a photographia, é ainda hoje o retrato uma das fôrmas mais bellas e captivantes da arte. A photographia reproduz com a maxima exactidão a natureza physica, mas não sabe, como o artista, adivinhando a alma, dar-nos o reflexo impressionante da expressão moral. Ha retratos deante os quaes uma pessoa se queda horas e horas subjugado pelo seu olhar magnetico, attrahido por um gesto mysterioso, por uma

physionomia que tem um attractivo irresistivel e que parece que deseja communicar-nos algum segredo, confidenciar-nos os seus amores, revelar-nos o seu pensamento intimo. A photographia já não possui essa electricidade communicativa, essa força de suggestão que nos avassalla, que nos põe em contacto com um espirito desconhecido, mas carinhosamente amigo.

O retrato não tem sido entre nós tão intensamente cultivado quanto devia ser-o, e a prova é que nos vemos embaraçadissimos quando procuramos saber quaes eram as feições physicas de algumas personagens mais celebradas da nossa historia como Vasco da Gama, D. Francisco d'Almeida, Pedro Alvares Cabral e tantos outros. A's vezes a sua estatua tumular é que nos pôde dar uma indicação approximada d'essa figura historica. A Misericordia do Porto possui uma numerosa collecção de quadros, representando os seus bemfeitores, mas a arte, com rarissimas excepções, está ali tão pobremente representada que é quasi uma negação das nossas faculdades estheticas. A causa d'isto é de se escolher, de preferencia, quem faça obra mais barata, o artifice ou o curioso em vez do artista, e de se pintar phantasiosamente, sem copia do natural.

Tanto as corporações officiaes como outras de character particular poderiam contribuir poderosamente para o progresso da arte, animando os cultores d'ella, creando galerias de retratos, que um dia seriam preciosas como documento esthetico e historico e até como documento ethnographico. Porque é, por exemplo, que as duas casas do parlamento não hão-de ter uma serie de quadros ou de bustos reproduzindo a effigie dos seus presidentes? Porque não ha-de succeder o mesmo com a presidencia do conselho do governo, com as camaras municipaes, com a Academia das Sciencias, a Universidade, as escolas superiores e outros estabelecimentos identicos?

Pois não seria agradavel e consolador que no ministerio da guerra ou no Museu militar estivessem expostos á veneração do publico aquelles que com o seu valor mais dedicadamente se teem sacrificado pela patria? Não seria esta uma recompensa de que se tornaram credores os heroes das nossas recentes campanhas? Deixar para depois da morte esta homenagem offerece graves inconvenientes, sobretudo debaixo do ponto de vista artistico. Cí-

taremos um facto em abono d'esta nossa maneira de pensar. A Sociedade das Sciencias Medicas inaugurou ha pouco as télas representativas de Sousa Martins e Manuel Bento de Sousa. São dois trabalhos excellentes, mas que superioridade não teriam se o artista os executasse segundo o modelo vivo!

Eis aqui, pois, um alvitre, por meio do qual se presta homenagem aos homens benemeritos e se favorece ao mesmo tempo a arte, com pouco dispendio e sem sacrificios para ninguem.

4-7 1900.

(Continúa.)

Sousa Viterbo.

#### ACTA N.º 75

Sessão da Assembleia Geral de 18 de Outubro de 1912

PRESIDENTE — Rozendo Carvalheira

SECRETARIO — F. Nogueira de Brito

« — Jacintho A. A. de Bettencourt

Pelas 9 horas da noite de 18 de Julho, estando presentes, além da mesa, os dignos socios srs. J. Ganhado, José Queiroz, E. da Rocha Dias, J. Ferreira Braga, Afonso de Dornellas e D. José Pessanha, reuniu esta Associação.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constava de :

- 1.º — Carta do socio sr. J. Ribeiro Christino da Silva, agradecendo a sua eleição;
- 2.º — Officio do socio sr. dr. Antonio N. de Sousa Sardinha, agradecendo a sua eleição;
- 3.º — Carta do socio sr. Ernesto da Silva, desculpando-se da sua falta a esta sessão;

- 4.º — Officio da Commissão Redactora do nosso *Boletim*, communicando que desiste do pedido de demissão que tinha feito;
- 5.º — Convite de «The Rice Institute Houston, Texas, of U. S. A.» convidando a nossa Associação a fazer-se representar nas festas do anniversario da sua fundação, em 10, 11 e 12 de Outubro de 1912, na sua séde;
- 6.º — Programma da 8.ª sessão do «Congrès Préhistorique de France», Angoulême (Charente);
- 7.º — Officio do Atheneu Commercial de Lisboa, communicando nos os seus novos corpos gerentes;
- 8.º — Officio do sr. José Maria Mendes Guerreiro, offerecendo a nossa Bibliotheca alguns livros do seu fallecido irmão e nosso consocio;
- 9.º — Officio do Inspector das Bibliothecas Eruditas e Archivos, agradecendo o voto de louvor que a Assembleia Geral lhe deu em sua sessão de 31 de julho p. p.;
- 10.º — Officio da mesma procedencia, communicando que o Livro do Armeiro-Mór, os livros de Registo Geral de Brazões, os livros de moradias da extincta Casa Real, e bem assim todos os mais documentos existentes na mordomia-mór da extincta Casa Real, já deram entrada no Archivo Nacional da Torre do Tombo, segundo o desejo manifestado por uma commissão delegada da secção de Heraldica d'esta associação.

O secretario Bettencourt escusou as faltas dos dignos socios srs. major Santos Ferreira e Luiz Filippe d'Albuquerque de Bettencourt.

O sr. A. Dornellas escusou a falta do socio sr. A. G. Navarro.

A assembleia resolveu agradecer os officios 8.º e 10.º

O sr. Presidente diz que antes de mais nada quer cumprir o doloroso dever de consagrar algumas sentidas palavras ao nosso fallecido consocio João Rodrigues Fernandes; a sua perda é certamente sentida, e profundamente, por todos aquelles que aqui trataram com R. Fernandes, cuja modestia tocava as raias da timidez; propõe e é approvado por aclamação que se lance na acta um voto de sincera e profunda magua pela perda de tão pres-

tante consocio, e que d'este voto se dê conhecimento á Associação dos Conductores d'Obras Publicas, de que o fallecido era prestimoso membro, visto elle não ter aqui nenhuma familia.

O sr. Nogueira de Brito diz que a grande amisade que o ligava ao fallecido não lhe permite ficar calado e por isso, em traços largos, faz o perfil de Rodrigues Fernandes, sentida e comovidamente.

O sr. D. José Pessanha, como presidente da direcção de que o extincto era secretario, associa-se em seu nome, ás palavras sentidas dos oradores precedentes.

Os srs. Ganhado e Rocha Dias peroram no mesmo sentido.

O sr. Presidente pede que fique registado um voto de sentimento pelo fallecimento do sogro do sr. Ganhado, o que este sr. agradeceu.

O sr. D. José Pessanha propõe e é approvedo um voto de sincera congratulação por ter sido nomeado, depois de um brilhante concurso, para o cargo de conservador do Museu Ethnologico, o nosso consocio sr. dr. Virgilio Corrêa Pinto da Fonseca.

O secretario Bettencourt communica que durante os mezes de férias officiou aos nossos consocios srs. Valdez e José Queiroz, a pedir-lhes a honra de se encarregarem, respectivamente, de fazer conferencias sobre «Lisboa Medieval e Lisboa da Renascença», sendo certo que a nenhum d'estes officios ainda recebeu resposta. Diz que a associação está atravessando um periodo cataleptico, vergonhoso, que urge combater por todos os modos e com todá a energia. Em seu entender a associação precisa de começar com uma série de conferencias, que pelo seu valor scientifico façam incidir sobre ella as attenções do nosso minguado meio culto, tendo assim a vantagem, não só de produzir alguma coisa de util, como tambem de mostrar que ainda tem razão e direito de existir.

O sr. Queiroz desculpa-se com os seus muitos affazeres de não ter respondido ao citado officio, declinando a honra que a Associação lhe queria conferir, por se sentir timido de mais para fazer uma conferencia.

O sr. Presidente diz que urge que a Associação se interesse por que seja rigorosamente cumprida a lei que prohibe a sahida

para o estrangeiro de tudo o que possa ter valor artistico ou archeologico.

Entre varios socios presentes se trocam impressões judiciosas sobre este assumpto, sendo por fim dito pelo sr. D. José Pessanha que está nomeada uma commissão, de que faz parte, para estudar a regulamentação da referida lei.

O sr. Queiroz queixa-se amargamente contra o facto de se permitir que varios logares dignos de admiração, em Lisboa, sejam pejados com pseudo-embellezamentos, inhibindo-os de se mostrarem, taes como são, aos amadores de velharias artisticas, tanto nacionaes como estrangeiros.

A resolução das providencias a adoptar no sentido do desejo do sr. Queiroz, ficou pendente para outra sessão, visto que pelo adeantado da hora o sr. Presidente encerrou esta ás 11 horas.

Servindo de secretario

J. A. DE A. BETTENCOURT

vice-secretario.

---

ACTA N.º 76

Sessão da Assembleia Geral de 15 de Novembro de 1912

PRESIDENTE — D. José Pessanha

SECRETARIO — F. Nogueira de Brito

» — Jacintho de A. A. de Bettencourt

Pelas 9  $\frac{1}{2}$  da noite de 15 de Novembro reuniu-se em Assembleia Geral esta Associação, estando presentes, além da mesa, os dignos socios srs. José Queiroz, A. de Gusmão Navarro, Antonio Cesar Mêna Junior, José Ferreira Braga, dr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca, João Ribeiro Christino da Silva, Francisco Soares O' Sulivand e Jesuino Arthur Ganhádo.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou se á leitura do expediente, que apenas constava de uma carta de 6 do corrente, do nosso consocio sr. José Joaquim d'Ascensão Valdez,

escusando se da sua não acquiescencia ao pedido que o secretario sr. Bettencourt, em nome da Associação, lhe dirigiu para que nos dêsse a honra de fazer uma conferencia sobre o periodo «Lisboa medieval».

O sr. presidente regista, com magua, a deliberação do sr. Valdez, a quem não falta erudição, mas a quem a falta de saude faz com que sejamos privados de o ouvir.

O sr. dr. Virgilio C. P. da Fonseca justifica a sua falta á ultima sessão e aproveita o estar com a palavra para agradecer o voto de congratulação que n'ella lhe foi conferido, especializando o proponente d'esse voto, sr. D. José Pessanha.

O sr. Mêna Junior justifica tambem a sua falta á mesma sessão e diz que muito sincera e commovidamente se associa á commemoração funebre prestada á memoria do nosso fallecido e saudoso consocio J. Rodrigues Fernandes.

Foram offerecidas varias obras, que se enviaram para a nossa bibliotheca e que serão respectivamente agradecidas aos offerentes pelo sr. bibliothecario.

O sr. presidente saúda em breves palavras o sr. Christino da Silva, por ser esta a primeira vez que S. Ex.<sup>a</sup> entra no seio da nossa agremiação, e propõe, sendo approvados, votos de sentimento pelas mortes d'um irmão do referido sr. Christino e pela esposa do nosso consocio sr. Cunha Brandão.

O sr. Christino da Silva agradece as palavras de saudação do sr. presidente e o voto de sentimento pelo fallcimento de seu irmão, promettendo fazer quanto em si couber por collaborar nos nossos trabalhos scientificos, posto que as suas extenuantes occupações no magisterio muitas vezes o inhibirão de nos acompanhar tão assiduamente quanto o desejaria, do que desde já pede desculpa.

O sr. dr. Virgilio C. P. da Fonseca propõe, e é approvedo, um voto de sentimento pela morte da mãe do nosso consocio sr. dr. Felix Alves Pereira.

O sr. Nogueira de Brito lê e largamente fundamenta a seguinte moção, que, em seu entender, deve vir sempre impressa no nosso Boletim:

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente

«extranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da  
«sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisti-  
«cas, sejam ellas de que natureza forem, disseminando por toda  
«a parte e por todas as fórmas o amor da archeologia e da arte.»

Depois de se terem trocado vivas impressões sobre esta moção entre todos os dignos socios presentes, foi ella posta á votação e por maioria foi resolvido que seja d'hoje para o futuro impressa no nosso Boletim. Antes d'esta votação sahio, por motivos urgentes, o sr. Gusmão Navarro.

O secretario Bettencourt chama a attenção para uma noticia que viu sobre a capella de Nossa Senhora das Reliquias, na Vidigueira, onde estiveram sepultados os restos mortaes de Vasco da Gama até á sua vinda para os Jeronymos, capella que era considerada monumento nacional, noticia onde se affirma estar actualmente transformada em deposito de vinhos e azeites.

O sr. José Queiroz refere-se ao facto de se andar a vender alguns azulejos de valor, arrancados de edificios particulares, como succedeu, por exemplo, a uns que estavam na frontaria de uma pequena casa da rua das Amoreiras.

O sr. dr. Virgilio C. P. da Fonseca pede providencias das estações officiaes tendentes a evitar que se possam destruir algumas pedras que sejam reputadas com valor archeologico. Sobre estes tres ultimos assumptos resolveu-se officiar ao Conselho de Arte e Archeologia.

Precedendo eleição, foi approvedo para o cargo de secretario da Direcção o nosso consocio sr. Luiz Filippe d'Andrade Albuquerque de Bettencourt.

Pelo adeantado da hora, o sr. presidente encerrou a sessão á meia noite.

Servindo de Secretario

JACINTHO D'A. A. DE BETTENCOURT

Vice-Secretario

## ACTA N.º 77

Sessão de Assembleia Geral de 30 de Dezembro de 1912

PRESIDENTE — R. G. d'A. Carvalho

SECRETARIO — F. Nogueira de Brito

— Jacintho d'Albuquerque Bettencourt

No edificio historico do Carmo, pelas 9 horas da noite de 30 de Dezembro de 1912, reuniu-se esta Associação, estando presentes além da mesa, os dignos socios srs. D. José Pessanha, Affonso Dornellas, major G. L. Santos Ferreira, Luiz Philippe de Albuquerque de Bettencourt, dr. Virgilio Corrêa Pinto da Fonseca, João Ribeiro Christino da Silva, Antonio Cesar Mena Junior, Jesuino A. Ganhado e F. S. O' Sulivand.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constava de :

1.º — Uma carta do sr. dr. Felix Alves Pereira agradecendo o voto de sentimento da ultima sessão ;

2.º — Officio do sr. Manuel José da Cunha Brandão, no mesmo sentido ;

3.º — Officio do sr. Luiz F. d'A. Albuquerque Bettencourt, agradecendo a sua eleição para secretario da Direcção ;

4.º — Carta do sr. Ernesto da Silva, escusando a sua falta :

5.º — Officio da Commissão dos centenarios de Ceuta e Affonso d'Albuquerque, pedindo se lhe indiquem os nomes dos nossos 3 delegados junto d'ella ;

6.º — Officio do sr. J. J. d'Ascensão Valdez em que pede desculpa das suas continuadas faltas, motivadas por incommodos de saude e pede a acção d'esta Associação para que venham para o Museu as lapides tumulares do extincto convento do Salvador, de Lisboa, entre as quaes está a do fundador, o 2.º arcebispo de Lisboa, D. João Esteves d'Azambuja.

Ao 5.º officio resolveu-se por proposta da mesa, approvada por aclamação, responder que os nossos delegados são os srs. D. José Pessanha, major Santos Ferreira e A. C. Mena Junior ;

sobre o 6.º officio resolveu-se pedir ao sr. Ministro da justiça as lapides apontadas pelo sr. Valdez.

Trocaram-se impressões sobre o apparecimento de uma estação romana em Oeiras, onde existem bastantes mosaicos, que de todo o modo convém fazer recolher em um museu.

O sr. Mena diz que se acha bastante mutilado o bello cruzeiro das Laranjeiras e que entende dever pedir-se ao actual proprietario da quinta, que o faça restaurar, a exemplo do que ha annos foi feito pelo fallecido conde de Burnay, quando n'elle houve uma outra mutilação.

Assim foi resolvido.

Ainda o mesmo sr. Mena lê e manda para a mesa a proposta appensa ao expediente d'esta sessão, cujas conclusões são as seguintes :

1.º — Que sejam adquiridos 2 exemplares da obra de Sousa Viterbo «Cem artigos de jornal», sendo um para a nossa bibliotheca e outro para ser offerecido depois de encadernado á ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Sophia de Sousa Viterbo ;

2.º — que se dê um voto de louvor ao *Diario de Noticias* e muito especialmente ao seu illustre director, o nosso distincto consocio sr. dr. Alfredo da Cunha, pela homenagem prestada ao eminente archeologo ;

3.º — que seja aberta uma inscripção especial para os nossos consocios que quizerem possuir a mencionada obra.

Foi approvada por aclamação.

O sr. D. José Pessanha communica a constituição da secção de Archeologia Lisbonense, recentemente creada e que resolveu reunir-se ás quintas-feiras.

O sr. Ganhado expõe a largos traços o programma de estudos da referida secção.

O sr. major Santos Ferreira expoz os motivos por que não apresenta á Associação o original de um folheto que tem em via de publicação sobre methodos de leitura de inscripções latinas, folheto que não é destinado á venda, mas que será distribuido entre pessoas curiosas do assumpto.

Passou em seguida a dar uma ideia geral do methodo que

segue em taes leituras e da sua confrontação com o methodo, que denomina «Hubneriano», o qual, na sua opinião, não tem chegado a dar resultados accetaveis.

Poz em parallelo a leitura de muitos exemplos, segundo um e outro methodo, com o fim de demonstrar a insufficiencia do methodo «Hubneriano» e a facilidade e segurança que o seu methodo offerece.

Assim chegou á conclusão de serem dedicados a divindades dos romanos muitos monumentos que pelo outro methodo se teem dito dedicados a divindades dos antigos lusitanos.

Esta exposição, que durou cêrca de hora e meia, despertou na assembleia o mais interesse, sendo o orador calorosamente cumprimentado pela sua ousadia e valor do seu trabalho, verdadeiramente revolucionario no campo da archeologia.

Pelo adiantado da hora, o sr. presidente encerrou a sessão á meia noite.

Servindo de Secretario

JACINTHO D'A. ALBUQUERQUE DE BETTENCOURT

Vice-Secretario